

11. 12. 65

Djanira e os Americanos

Rubem Braga

EU tinha acabado de escrever uma reportagem sobre a pintora Djanira, que vai sair em «Visão», quando vejo no jornal que o Departamento de Estado americano cancelou o visto da artista.

Outro dia procurei Djanira em sua casinha de Santa Teresa e fiquei-lhe fazendo perguntas durante mais de três horas. O curioso é que notei nela uma grande simpatia pelos Estados Unidos e seu povo. Há 20 anos, com um «travel-check» de cem dólares, ela se mandou para Nova York, e lá viveu durante mais de ano, até que uma exposição sua foi recebida de maneira excelente pela crítica e mereceu uma referência consagradora na coluna «My Day», da sra. Roosevelt. Djanira contou-me inclusive sua emoção ao ver que os humildes moradores do edifício em que morava (12 dólares por semana) se alegravam com seu êxito e faziam questão de cumprimentá-la. Falou-me também muito de sua viagem à Europa Oriental e à Rússia. Pois durante essa conversa longa e íntima não notei, em seus sentimentos ou em suas opiniões, nada, mas nada mesmo que pudesse nem de longe explicar essa atitude recente das autoridades americanas. Ainda há pouco ela esteve pela segunda vez em Nova York (contou-me, rindo, que trocou um quadrinho por uma estola de vison!) e me falou com entusiasmo da viagem que ia fazer novamente aos Estados Unidos, em maio, para duas exposições.

Houve tempo em que o governo americano barrava a entrada de artistas e intelectuais de toda espécie que fossem suspeitos de não-conformismo. José Lins do Rêgo teve o visto negado uma vez! Eu mesmo não conseguí visto certa vez, quando ia viajar a serviço de «O Globo», no tempo do presidente Truman. Consolei-me fazendo uma crônica em que proibia terminantemente o sr. Truman de subir a escadinha de minha casa durante sua visita ao Brasil! Mas depois as coisas mudaram, e duas vezes estive lá a serviço profissional, com toda a facilidade.

O que nunca recebi foi qualquer convite oficial dos Estados Unidos ou da Rússia. Não me julgo uma personalidade tão importante que fôsse obrigatório para alguma das grandes potências me convidar. Mas tem havido tantos convites a tantos jornalistas ainda menos importantes do que eu, que tomei a liberdade de chegar à talvez despeitada conclusão de que os Dois Grandes não estimam muito esse tipo de jornalista independente e não-enquadrado a que pertencço. Colegas meus do mesmo feitio também não são convidados. Claro que não estou me queixando disso; a verdade é que não há nada tão bom como viajar por conta própria, quando se pode — ou a serviço, como é quase sempre o meu caso.

A grande pintora Djanira não perderá muito com essa recusa de visto. Ela hoje tem uma vida tranqüila no Brasil, quase sempre em seu sítio de Parati, e seus quadros são mais caros que os de qualquer outro artista brasileiro vivo. Quem ler minha reportagem em um dos próximos números de «Visão» verá que ela se queixa apenas da queda do preço da banana que planta, e que este ano foi de seis mil e tantos para três mil e tantos cruzeiros por dúzia de cachos! Aqui há quem compre todos os quadros que ela faz com aquêle toque especial que a classifica entre nossos maiores artistas de todos os tempos.

A concessão ou negação de visto é um ato de soberania, que dispensa explicações. Isso, legalmente. Na verdade uma recusa dessa só pode prejudicar o prestígio dos Estados Unidos em nossos meios culturais e artísticos. Esse gesto incompreensível fica feio para os Estados Unidos; para Djanira é que não; e para nós até é melhor que ela fique por aqui mesmo, pintando suas coisas — nossas coisas...

DN - 11. 12. 65

MI